

ABUSO SEXUAL E A INFÂNCIA COMPROMETIDA: FORMAS DE EXPRESSÃO E IMPACTOS NO PROCESSO EDUCACIONAL

Cíntia Taiza Klein¹

Deise Josene Stein²

Resumo: O abuso sexual está mais presente na nossa sociedade do que se possa imaginar. Todos os dias parecem surgir notícias de crianças que foram sexualmente abusadas. Nesse sentido, é primordial reconhecer que o abuso sexual existe e é global. Além disso, o abuso sexual é uma violação dos direitos da criança. Desse modo, a partir de pesquisa bibliográfica, este trabalho discute o abuso sexual em crianças na idade escolar, bem como as formas de expressão que a criança sexualmente abusada apresenta e os impactos do abuso sexual no processo educacional. Sendo assim, é possível afirmar que o abuso sexual causa inúmeros prejuízos na vida da criança sexualmente abusada.

Palavras-chave: Abuso Sexual. Violência. Criança. Educação.

Abstract: Sexual abuse is more present in our society than we can imagine. Every day, news of children who have been sexually abused seems to appear. In this sense, it is paramount to recognize that sexual abuse exists and is global. In addition, sexual abuse is a violation of the rights of the child. Thus, from a bibliographical research, this work discusses sexual abuse in school-age children, as well as the forms of expression that the sexually abused child presents and the impacts of sexual abuse in the educational process. Thus, it is possible to affirm that the sexual abuse causes numerous damages in the life of the sexually abused child.

Keywords: Sexual Abuse. Violence. Child. Education.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo buscou, através de pesquisa de cunho bibliográfico, investigar o abuso sexual em crianças na idade escolar, a fim de reconhecer as principais consequências do abuso para a aprendizagem das mesmas.

O trabalho objetiva também, discutir os processos que envolvem o abuso sexual, como os sintomas que a criança apresenta e busca ponderar o papel do educador frente a um caso de abuso sexual, analisando a amplitude de sua interferência, dentro do processo educacional da criança.

Considerando que o abuso sexual é uma forma de mau trato infantil, a criança que é vítima possui sua integridade física e emocional comprometida. É comum encontrar pessoas

¹ Acadêmica do VIII semestre do curso de Pedagogia da FAI Faculdades de Itapiranga. Email: cintia.taizaklein@hotmail.com

² Psicóloga, professora do curso de Pedagogia da FAI Faculdades de Itapiranga. Email: deise.stein@seifai.edu.br

que acreditam que o abuso sexual está fora de sua realidade, porém, é necessário modificar este pensamento, tendo em vista que os índices demonstrados por pesquisas sobre o tema são alarmantes.

Desta forma, a temática se faz pertinente, pois, é imprescindível que a população, principalmente os profissionais da educação, saibam mais sobre o abuso sexual que afeta as crianças e os adolescentes. Esse conhecimento é fundamental para que possam reconhecer, ajudar a prevenir e saber como agir perante um caso de abuso sexual, afim de que os índices deste tipo de violência possam diminuir, bem como pela possibilidade de ajudar a vítima.

Ademais, o tema é relevante para a Pedagogia, pois o pedagogo é um profissional apto a lidar com os diferentes estágios de desenvolvimento de um indivíduo, bem como é qualificado para trabalhar em ambientes escolares e não escolares. Portanto, ao auxiliar no desenvolvimento da criança é capaz de prevenir, perceber e ajudar crianças em situações de abuso sexual.

2 CONCEITUANDO O ABUSO SEXUAL

O abuso sexual vem a ser provavelmente, a forma de violência sexual mais presente na sociedade, por isso será o ponto crucial desta escrita. Entende-se que, o abuso normalmente é mantido em total silêncio e sigilo. Para início de reflexão, é necessário conceituar a palavra abuso. Nesse sentido, Aurélio, no seu Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa (1988, p. 6, grifo do autor) conceitua abuso como:

1. Mau uso, ou uso errado, excessivo ou injusto; excesso, descomedimento, abusão. 2. Exorbitância de atribuições ou poderes. 3 Aquilo que contraria as boas normas, os bons costumes. 4 Ultraje ao pudor, violação, defloramento. 5. V. abusão (3). 6. *Bras.* Aborrecimento, nojo.

O conceito de abuso sexual pode ser encontrado em diversos autores. Desse modo, Faleiros (2000, p. 6) defende que:

O termo abuso sexual é talvez o mais difundido e popularizado para denominar as situações de violência sexual contra crianças e adolescentes, principalmente as que se referem à violência intrafamiliar, designada também como abuso sexual doméstico, violência sexual doméstica, abuso sexual incestuoso, incesto.

Ainda sobre a conceituação do abuso sexual, Furniss (1993) citado por Balbinotti (2009, p. 6) assegura que,

[...] o abuso sexual consiste no uso de uma criança para fins de gratificação sexual de um adulto ou adolescente cinco anos mais velho, criança imatura em seu desenvolvimento e incapaz de compreender o que se passa, a ponto de poder dar o seu consentimento informado. O consentimento informado está vinculado à capacidade

ou à incapacidade do indivíduo para tomar decisões de forma voluntária, correspondendo – direta ou indiretamente – ao grau de desenvolvimento psicológico e moral da pessoa. A autonomia ocorre quando o indivíduo reconhece as regras, que são mutuamente consentidas, as respeita e tem a noção de que podem ser alteradas.

Nesse sentido, o abuso sexual acontece quando a criança ou o adolescente tiverem sua sexualidade corrompida, sendo usado para bonificação de um adulto, ou ainda um adolescente mais velho. De acordo com Araújo (2002, p. 5-6)

O abuso sexual infantil é uma forma de violência que envolve poder, coação e/ou sedução. É uma violência que envolve duas desigualdades básicas: de gênero e geração. O abuso sexual infantil é frequentemente praticado sem o uso da força física e não deixa marcas visíveis, o que dificulta a sua comprovação, principalmente quando se trata de crianças pequenas. O abuso sexual pode variar de atos que envolvem contato sexual com ou sem penetração a atos em que não há contato sexual, como o voyeurismo e o exibicionismo.

Além disso, sobre a relação de poder, Faleiros (2000, p. 10, grifo da autora) assegura que o abuso sexual “[...] é a *situação* de uso excessivo, de ultrapassagem de limites: dos direitos humanos, legais, de poder, de papéis, de regras sociais e familiares e de tabus, do nível de desenvolvimento da vítima, do que esta sabe, compreende, pode consentir e fazer”.

Sanderson (2005, p. 17) afirma que o abuso sexual acontece quando uma “[...] criança é usada como objeto sexual para a gratificação das necessidades ou dos desejos, para a qual ela é incapaz de dar um consentimento consciente por causa do desequilíbrio no poder, ou de qualquer incapacidade mental ou física”.

Sanderson (2005, p. 17) garante ainda que na definição de abuso sexual

[...] estão todos os tipos de encontros sexuais e comportamentos que abrangem aliciamento sexual, linguagem ou gestos semelhantes sugestivos, uso de pornografia, voyeurismo, exibicionismo, carícias, masturbação e penetração com os dedos ou pênis. Ela inclui quaisquer atos sexuais impostos à criança ou ao adolescente por qualquer pessoa dentro do âmbito da família, ou fora dela, que abuse de sua posição de poder e confiança.

Assim sendo, o abuso sexual pode acontecer em duas principais perspectivas, sendo elas o abuso sexual intrafamiliar e o abuso sexual extrafamiliar. Sob esse aspecto, é de fácil compreensão a distinção dos termos, pois as próprias palavras já os definem. Faleiros (2000, p. 14) faz uma classificação sobre o abuso sexual intrafamiliar e extrafamiliar:

Classificar os abusos sexuais em intrafamiliar e extrafamiliar – o que se justifica pela preocupação em entender as relações incestuosas e em dar visibilidade à sua grande incidência – corresponde a uma concepção reducionista das relações sociais, ou seja, é o familiar (o essencial) e o não-familiar, reduzindo a “restante” tudo o que não é familiar, todas as “outras”, múltiplas e diversas relações humanas. Por outro lado a

classificação do abuso em intra e extrafamiliar tem por base o critério de parentesco/domicílio, não clarificando a natureza da relação abusiva.

Deste modo, é sabido que o abuso sexual intrafamiliar é aquele que acontece no próprio âmbito da família da vítima, e o abuso extrafamiliar, é aquele de fora da família. Para Balbinotti (2009, p. 6) o abuso extrafamiliar “[...] configura-se quando a violência acontece fora do lar, ou tem como abusador alguém não próximo à família” e o abuso intrafamiliar é “Aquele transcorre dentro do seio familiar, envolvendo o menor e parente próximo, muitas vezes pessoa do convívio diário”. (BALBINOTTI, 2009, p.6).

Além disso, Sanderson (2005, p. 17) ainda afirma que o abuso intrafamiliar, “[...] inclui pai, mãe, padrastos, madrastas, amigos residentes homens/mulheres da família, tios, tias, irmãos, irmãs, irmãos adotivos, avós, primos e todas as outras combinações de parentes homens e mulheres na família ampliada”.

A autora acima supracitada, também ilustra o abuso extrafamiliar como sendo:

Indivíduos fora da família incluem adultos homens e mulheres, ou colegas mais velhos, que sejam *in loco parentis* e, assim, tenham autoridade e poder sobre a criança, tais como babás, funcionários de creches, professores, técnicos de esportes, técnicos de clubes, responsáveis, representantes de instituições religiosas e aqueles que cuidam de crianças para instituições, residências e orfanatos. Também inclui outras pessoas da comunidade que possam ou não ser conhecidas da criança, tais como vizinhos, donos de loja e demais moradores ou trabalhadores da redondeza. (SANDERSON, 2005, p. 17, grifo da autora).

É notável que, a questão do abuso sexual está presente nas diversas sociedades e desde os tempos remotos, séculos passados em que a criança não era considerada um ser sagrado e o conceito de infância não eram reconhecidos. Portanto, faz-se necessário identificar quando uma criança foi vítima de abuso sexual, como o abuso aconteceu e por quem. Além disso, é preciso conhecer formas de ajudar essas crianças e adolescentes que tiveram os seus direitos violados e a sua integridade corrompida.

Desse modo, é necessário e fundamental investigar quais são as principais formas de abuso sexual, como o mesmo acontece, bem como quais são os sintomas que a vítima apresenta.

2.1 ABUSO SEXUAL E A INFÂNCIA COMPROMETIDA

O abuso sexual é uma violação dos direitos humanos. Atualmente, é perceptível que essa temática começou a receber mais atenção na sociedade, tanto nos meios de comunicação, tanto quanto no meio acadêmico. Entretanto, ainda é uma parcela pequena se comparada à tamanha relevância do tema e ainda existe pouco material de pesquisa sobre o mesmo.

Furniss (1993) citado por Amazarray e Koller (1998) assegura que essa consciência maior da população sobre o abuso sexual acontece em função dos direitos das crianças e pelo aumento do conhecimento e preocupação com a saúde física e mental das mesmas. Nesse sentido, pode-se afirmar que a população está se conscientizando sobre a importância da infância para a vida, como também sobre as violências cometidas contra as crianças e adolescentes.

O abuso sexual é muito perturbador para a criança agredida. Além disso, trata-se de um fenômeno antigo, mas que só passou a ser considerado como problema a partir do século XX, após a inserção da violência sexual nos direitos humanos e ser “considerada responsável por sérias consequências, como o comprometimento do desenvolvimento físico, psicológico e social de suas vítimas”. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2009, p. 36).

Sayão (2006, p. 19), no manual feito para educadores “Refazendo laços de proteção: Ações de prevenção ao abuso e à exploração sexual comercial de crianças e adolescentes”, afirma que a violência sexual, nos seus dois âmbitos:

É especialmente danosa por interferir perigosamente nos afetos e sensações, na auto-imagem, nos relacionamentos, nas possibilidades de viver o prazer e o desprazer, enfim, na sexualidade, que é aspecto fundamental da vida, da saúde física e mental e da singularidade de cada sujeito.

Desse modo, é notável que o abuso sexual seja danoso para o desenvolvimento físico e mental da criança e do adolescente. Ele agride ainda o desenvolvimento afetivo, emocional, intelectual, moral e, além disso, pode interferir na relação intrapessoal e interpessoal do indivíduo. Além disso, o abuso sexual na infância pode prejudicar a vida adulta, provocando perturbações psicológicas.

Segundo Sanderson (2005) está claro que o abuso sexual causa impactos nas crianças. Partindo de pesquisas, a autora assegura que a maioria dos pesquisadores afirma que o abuso sexual é sempre prejudicial à criança, entretanto outros estudos afirmariam o contrário. Nesse sentido, ela pontua que se o abuso é prejudicial, é algo que depende da definição e extensão do dano.

Para o Conselho Federal de Psicologia (2009), as sequelas deixadas pelo abuso sexual podem mais ou menos graves e evidentes, mas sempre presentes. De forma semelhante, Sanderson (2005) assegura que o impacto do abuso sexual nas crianças é algo inquestionável e que este não é apenas físico, mas também emocional. Sobre esses impactos, a autora afirma:

Quando afeição e abuso sexual, amor e sofrimento estão entrelaçados, a realidade parece distorcida, criando ilusões e percepções erradas. Muitas crianças sentem-se incapazes de confiar em suas próprias percepções sobre o que é e o que não é

apropriado. Elas não conseguem mais confiar em si mesmas, quanto mais em qualquer outra pessoa. Tornam-se confusas sobre como se sentir, se devem ouvir a mágoa e a dor internas ou se devem “curtir” o abuso porque é isso que o abusador deseja. (SANDERSON, 2005, p. 169).

Dessa maneira, percebe-se claramente que a infância da criança ou adolescente que sofreu abuso sexual torna-se confusa. Sanderson (2005) ainda apresenta que o impacto do abuso sexual nas crianças e adolescentes pode ter origem de diversas maneiras, bem como ser diferente de criança para criança em função de seus efeitos. Segundo Sanderson (2005, p. 170),

Os diferentes efeitos do impacto do ASC³ na criança podem ser estimados pelos seguintes fatores:

- A idade do adolescente na época do abuso.
- A duração e a frequência do abuso sexual.
- O(s) tipo(s) de ato(s) sexual(is).
- O uso da força ou da violência.
- O relacionamento da criança com o abusador.
- A idade e o sexo do abusador.
- Os efeitos da revelação.

Nesse sentido, fica cada vez mais claro que o abuso sexual interfere na vida da criança, comprometendo seu desenvolvimento. Além disso, pode-se afirmar que os impactos do abuso sexual podem ser diferentes de criança para criança, pois, dependem dos fatores relacionados.

2.2 FORMAS DE EXPRESSÃO DA CRIANÇA VÍTIMA DE ABUSO SEXUAL COMPROMETIDA

Para contextualizar uma situação de abuso sexual, é preciso reconhecer que a criança pode apresentar sintomas diferentes das aqui analisadas. Muitas vezes, as formas de expressão da criança agredida passam despercebidas para a maioria dos adultos.

Nesse sentido, cabe reconhecer que,

Nem todas as crianças são capazes de revelar o abuso por temerem as consequências, mas podem encontrar múltiplas maneiras de comunicar seus medos e ansiedades aos adultos. Esses meios, de tão sutis, podem passar despercebidos ou serem muito evidentes e, ainda assim, ignorados. (SANDERSON, 2005, p. 201).

Para tanto, é fundamental que haja o cuidado para não elaborar nenhuma hipótese baseada apenas em uma única forma de expressão da criança agredida, tendo em vista que algumas manifestações da criança podem indicar outros problemas que ela possa estar

³ ASC é a sigla utilizada por Sanderson para designar o Abuso Sexual em Crianças.

enfrentando. É preciso que se conheça a criança, sua família e seu mundo social. (SANDERSON, 2005).

A atenção e a observação sensível são fundamentais para que se possa identificar um caso de abuso sexual, pois na maioria das vezes os sinais que a criança apresenta são físicos, conforme salienta Sayão (2006, p. 37):

Educadores, outros profissionais e todas as pessoas que convivem com crianças e adolescentes, e até mesmo os próprios adolescentes, devem estar atentos para identificar os casos de violência sexual. Essa atenção é fundamental, pois aproximadamente 60% dos casos de abuso sexual não deixam vestígios físicos.

Sanderson (2005) assegura que os efeitos do abuso sexual podem ser emocionais, interpessoais, comportamentais, cognitivos, físicos e sexuais. Dentre essas, as mudanças no comportamento são as que mais merecem atenção.

É cabível afirmar que, diversos autores apresentam os mesmos sinais, ou sinais muito parecidos que uma criança demonstra quando sofreu abuso sexual. Assim, os sinais demonstrados pelas crianças serão destacados aqui, com base, principalmente em autoras como Sanderson (2005), Terenzi e Fabbri (2007).

De antemão, é possível afirmar que, dentre as pistas mais comuns que a criança apresenta estão: comportamento sexual inadequado, vergonha, medo, isolamento, sinais físicos, mudança de personalidade, culpa, mudança nos hábitos de alimentação e no sono, pesadelos, entre outros.

Para Terenzi e Fabbri (2007) a criança vítima de abuso sexual, vive uma grande confusão entre o bem e o mal, pode frequentemente se sentir culpada, ter medo, esconder seus sentimentos e seu desconforto, e assim, tudo isso se torna o seu segredo e ela carrega todas as consequências que isso comporta.

Desse modo, o impacto do abuso sexual nas crianças pode produzir diversos sintomas emocionais. Sanderson (2005), afirma que o sintoma emocional mais comum é a vergonha. Segundo a autora, a vergonha desencadeia outra grande variedade de emoções.

Mais frequentemente, a vergonha evoca a ansiedade em relação a si mesma, à sobrevivência e aos outros. A esses sentimentos somam-se, ainda, outros, como timidez, impotência, desamparo, inferioridade, falta de valor próprio e aversão por si mesma. E todos esses induzem a mais humilhação, desgosto, perplexidade e confusão, especialmente porque a criança não entende nada e, também, por se culpar e sentir raiva de si mesma por ser incapaz de fazer algo em relação ao abuso. A criança passa a generalizar essa falta de confiança, duvida e desconfia de si mesma e dos outros. (SANDERSON, 2005, p. 205).

Sendo assim, percebe-se claramente que a criança se sente inútil, tendo incapacidade de controlar seu mundo interior, bem como o exterior. Além desses fatores, a criança exhibe mágoa, raiva, tristeza, podendo inclusive apresentar e/ou desenvolver depressão.

Outro impacto principal que merece especial atenção em relação ao abuso sexual é o aparecimento do medo. Para Terenzi e Fabbri (2007), a criança demonstra medo de relacionamentos com os adultos, medo de despir-se, de se dirigir a algum determinado lugar onde provavelmente pode encontrar o abusador, medo de tomar banho.

A criança sexualmente abusada pode sentir medo principalmente de pessoas do mesmo sexo do abusador. Ademais, Sanderson (2005) afirma que a criança pode ainda, não temer o abuso, mas ter medo da revelação do segredo e de suas implicações, por se sentir culpada pelo que aconteceu e pela vergonha.

Entre os sintomas comportamentais que as crianças sexualmente abusadas apresentam, podem-se encontrar diversas pistas. Os comportamentos mais comuns apresentados por elas seriam as brincadeiras, histórias e desenhos com temas sexuais, distúrbios de sono e alimentação, comportamentos regressivos⁴, comportamento autodestrutivos⁵ e perigosos, por exemplo, que serão aqui analisados brevemente.

Sanderson (2005) chama a atenção para as brincadeiras das crianças, pois estas seriam um veículo universal de comunicação. A autora assegura que “A criança pode reencenar seu abuso sexual por meio de uma brincadeira tanto com outras pessoas quanto com brinquedos”. (SANDERSON, 2005, p. 209).

Sob essa perspectiva, pode-se analisar Piaget (2004), que apresenta a importância do jogo simbólico, que seriam as brincadeiras para a criança, como por exemplo, brincar de boneca e comidinha. O jogo simbólico constituiria, portanto, uma atividade real do pensamento. O autor assegura que a função do jogo,

[...] consiste em satisfazer o eu por meio de uma transformação do real em função dos desejos: a criança que brinca de boneca refaz sua própria vida, corrigindo-a à sua maneira, e revive todos os prazeres ou conflitos, resolvendo-os, compensando-os, ou seja, completando a realidade através da ficção. Em suma: o jogo simbólico não é um esforço de submissão do sujeito ao real, mas, ao contrário, uma assimilação deformada da realidade ao eu. (PIAGET, 2004, p. 28-29).

⁴ Comportamento regressivo é a denominação para quando a criança regride a um estágio ou a um nível anterior de desenvolvimento. Uma etapa em que a criança exige extrema necessidade de cuidados e carinho, que já não são mais normais de sua idade.

⁵ Comportamento autodestrutivo é a conceituação para o ato de a criança provocar prejuízos a si mesma, ou seja, de machucar-se de alguma forma.

Se a criança pode expressar o abuso sexual por meio da brincadeira, é possível analisar Vygotsky (1994), que considera que a criança reproduz através do brinquedo uma situação real. Sob esse aspecto, o autor (VYGOTSKY, 1994, p. 135) pontua que “Uma criança brincando com uma boneca, por exemplo, repete quase exatamente o que sua mãe faz com ela. [...] É uma situação imaginária, mas é compreensível somente à luz de uma situação real que, de fato, tenha acontecido”.

Nesse sentido, é possível observar que a criança pode através das brincadeiras, tanto individuais quanto coletivas, pode demonstrar situações que ela vive em seu cotidiano. Deste modo, é fundamental que os adultos, em especial pais e educadores tenham um olhar de observação para as atitudes comportamentais que a criança apresenta durante as brincadeiras.

Conforme Sanderson (2005), as crianças podem representar o abuso sexual por meio dos desenhos e pinturas. Assim, para a autora, os desenhos das crianças sexualmente abusadas diferem dos desenhos das outras crianças. Crianças abusadas sexualmente podem representar em seus desenhos partes sexuais do corpo em detalhes, o que as outras crianças habitualmente não fazem.

O desenho delas sempre apresenta as partes sexuais do corpo em detalhes. A criança pode desenhar abertamente enormes pênis e vaginas em imagens de adultos. Também podem incluir peitos grandes com mamilos. Os desenhos podem relatar atividades sexuais atuais, objetos utilizados durante o abuso sexual e, também, outros aspectos presentes. (SANDERSON, 2005, p. 210).

Além disso, a autora afirma que outras crianças abusadas sexualmente, podem sentir desconforto em desenhar as partes íntimas em detalhes, mas podem apresentar outras características, como grandes mãos e grandes bocas, ou até com desenhos de monstros. “Grandes lábios vermelhos ou mãos enormes, desproporcionais, podem representar simbolicamente beijos desconfortáveis, sexo oral ou carícias”. (SANDERSON, 2005, p. 211).

Dessa forma, é perceptível que as crianças sexualmente abusadas podem demonstrar o abuso sexual através do desenho. Assim, elas podem, por exemplo, dar destaque as partes íntimas das pessoas, bem como desenhar o abusador muito maior do que os demais indivíduos no desenho. Portanto, o desenho é uma ferramenta de representação do abuso sexual e que pode ser analisada.

Sanderson (2005, p. 211), ainda destaca que,

As crianças também podem tentar comunicar suas experiências de abuso sexual ao contar histórias, pequenas narrativas que eventualmente incluem suas experiências atuais de abuso sexual ou representações simbólicas de serem dominadas, ameaçadas ou caçadas por monstros.

Nesse sentido, cabe ressaltar que se torna fundamental um olhar atento para todas as facetas comportamentais da criança. Pode-se afirmar ainda a importância que possui a brincadeira e o desenho na infância, pois através desses fatores o adulto é capaz de reconhecer o que a criança vive. Ademais, resalta-se a necessidade das atividades de “brincar e desenhar livre”, tanto nas escolas quanto em casa, pois é preciso que a criança possa expressar-se livremente.

Assim, compete observar também que os educadores precisam ter cada vez mais um olhar expressivo e individualizado para cada criança em seu meio, tendo a capacidade de analisar suas brincadeiras e seus desenhos de maneira adequada, podendo reconhecer casos de abuso sexual.

Entre outros sintomas comportamentais que a criança apresenta, é possível considerar que a mesma pode se tornar agressiva, ter ataques de fúria, raiva e ódio. Essas atividades podem se tornar perigosas, pois, segundo Sanderson (2005), a criança abusada sexualmente pode chegar a estágios mais graves como atear fogo nas coisas.

Desse modo, os comportamentos autodestrutivos, são fatos que merecem extrema atenção, pois, a criança sexualmente abusada pode causar lesões em si mesmas, bem como pode fugir de casa. Sanderson (2005) exhibe que, a criança pode golpear-se ou bater a própria cabeça em móveis e paredes, arranhar-se até sangrar, cutucar feridas na pele, usar objetos para se ferir até ficar vermelha e em carne viva, tomar excessivos banhos e desenvolver comportamentos de higiene compulsivos, por exemplo.

A autora acima citada assegura que esses comportamentos são uma maneira da criança aliviar sua dor emocional e psicológica, bem como uma tentativa de desfazer a sensação de sentir-se suja e tentar ser mais limpa. (SANDERSON, 2005).

Ainda sobre os comportamentos que a criança pode apresentar, existem os comportamentos regressivos. Sanderson (2005) assegura que a criança pode regressar a um estágio anterior do desenvolvimento, no qual expressa a necessidade de extremos cuidados, alimentação e carinhos extras. A criança pode voltar a chupar o dedo e fazer xixi na cama, por exemplo.

Terenzi e Fabbri (2007), afirmam que a criança vítima do abuso sexual pode também apresentar quanto característica comportamental a queda no rendimento escolar, bem como repentinas faltas injustificadas. Contrariamente, Sayão (2006, p. 39), assevera que, outra particularidade que a criança pode demonstrar é ter “Assiduidade e pontualidade exageradas à

escola, pouco interesse ou resistência em voltar para casa após as aulas, dificuldade de concentração e aprendizagem [...], pouca ou nenhuma participação em atividades escolares”.

Sanderson (2005) apresenta que a falta de concentração da criança é um sintoma cognitivo que ela apresenta e que esta se torna mais evidente na escola. Para a autora,

Uma criança que está sempre preocupada, com medo, terror, confusão ou que antecipa o próximo acesso sexual não vai conseguir prestar atenção no que se espera que aprenda na escola. Essas crianças se comportam como se estivessem em um mundo de sonho e parecem aéreas na classe, quase rudes em suas respostas. (SANDERSON, 2005, p. 220).

Ainda para Sanderson (2005), essa dificuldade de se concentrar faz com que as crianças não absorvam o que aprenderam, causando, portanto o desempenho insuficiente na escola. Cabe analisar que, de fato, as crianças sexualmente abusadas e que apresentam fracasso escolar podem não conseguir prestar atenção às aulas. Desse modo, é fundamental mais uma vez que o educador saiba analisar criteriosamente as causas e efeitos desta falta de concentração e o fraco desempenho escolar da criança, não julgando e rotulando a mesma como sendo apenas indisciplinada.

Em contrapartida, Sanderson (2005) apresenta respostas para o motivo de algumas crianças que sofreram abuso sexual não apresentarem baixo rendimento escolar e sim, demonstrarem serem estudantes brilhantes. O fato é que, para algumas crianças que sofreram abuso, a escola torna-se um refúgio, um lugar de segurança para elas. Além disso, a escola oportuniza uma fuga da confusão emocional pela qual a criança passa e ela advém a gastar sua energia em adquirir conhecimento, ao invés de pensar no que está acontecendo em seu mundo interior.

Assim, essas crianças podem ser extremamente brilhantes e sensatas para a sua idade. Para escapar da sua realidade, as mesmas buscam ler e aprender. É necessário ainda compreender que,

Crianças sexualmente abusadas, na maioria das vezes, desenvolvem habilidades cognitivas, como estratégias de planejamento, tomada de decisão e fuga, mais cedo do que as crianças não abusadas sexualmente. Isso acontece em parte porque elas precisam decifrar o incompreensível e também desenvolver estratégias para antecipar e evitar o abuso sexual. (SANDERSON, 2005, p. 221).

Desse modo, não é difícil concluir que na escola, a criança sexualmente abusada pode esquecer os seus problemas e focar em seus estudos, tornando-se exemplarmente inteligente e dedicada. Certamente, esses educandos salvam-se do sentimento de destruição interior enquanto estão na escola, gastando sua energia em aprender.

Entre outros sintomas que a criança abusada apresenta, estão os efeitos interpessoais, ou seja, o modo como elas se relacionam com as outras pessoas. Essas crianças tendem a ser mais retraídas, mais envergonhadas, tendo medo da exposição. Conforme Sanderson (2005), a criança evita o contato com as pessoas.

A autora (2005, p. 207) ainda afirma que a criança “[...] é inibida em relação a si mesma, a sua identidade e ao seu corpo”. Além disso, a criança é desconfiada e cautelosa em relação às pessoas. Algumas chegam a ser hipervigilantes, estando sempre atentas em relação aos adultos, tendo isso como uma forma de proteção.

Segundo Sayão (2006, p. 39),

No que diz respeito às mudanças no relacionamento social, os sinais de alerta, para que os educadores fiquem atentos são: busca de isolamento, com poucas relações com colegas; relacionamento entre crianças e adultos com “ares de segredo” e exclusão dos demais; dificuldade em confiar nas pessoas a sua volta; fuga afiliva de contato físico.

É perceptível que a criança sexualmente abusada começa a apresentar efeitos interpessoais, tendo dificuldade de se relacionar consigo mesma e com outras pessoas, confundindo papéis e distorcendo sua identidade.

Outros dois efeitos do abuso sexual, são os sintomas físicos e os sintomas sexuais. Sanderson (2005) assegura que o abuso sexual em crianças frequentemente não deixa sinais nem marcas físicas, principalmente em casos em que as crianças foram aliciadas por um longo período.

Entretanto, existem sinais possíveis de identificar a violência sexual. Alguns sinais físicos seriam: inflamações e infecções nas áreas oral, retal e genital, arranhões, mordidas, hematomas, sangramentos, odores estranhos, roupas rasgadas, presença de sêmen, entre outros.

Sanderson (2005, p. 224) lista algumas características e as explica:

Se o abuso sexual for acompanhado de violência e penetração forçada, podem existir sinais físicos explícitos dele. Se a força e a violência foram utilizadas, a criança pode apresentar hematomas e, em alguns casos, sangramentos, especialmente nas coxas e na área genital. Traumas nos seios, nádegas, baixo ventre e coxas podem estar igualmente presentes. Também podem ocorrer traumas nas regiões oral, genital e anal. Se houve penetração, a presença de sêmen pode ser detectada na área genital e anal. Se não houve penetração, mas o abusador ejaculou sobre a criança, pode haver sêmen sobre seu corpo, sua boca ou suas roupas. Forçar a criança a tomar banho depois do assédio sexual, contudo, pode apagar esses sinais. Pode haver evidência de doenças sexualmente transmissíveis, incluindo o risco de infecção pelo HIV. Alguns abusadores que não penetram a criança com o pênis podem causar danos visíveis com a penetração dos dedos ou a inserção de objetos estranhos nos orifícios genitais, do reto e da uretra.

Sayão (2006, p. 38) ainda complementa afirmando que a criança sexualmente abusada pode apresentar outros sinais físicos possíveis de serem identificados:

Outras pistas ou sinais corporais que podem ajudar o educador a ficar mais atento são: dificuldade de caminhar; roupas rasgadas ou manchadas de sangue; sinais de hemorragia retal ou uretral; queixas de cólicas intestinais; evidências de infecções genitais; dor ou coceira na área genital ou na garganta; dificuldade para controlar a urina e as fezes; erupções na pele; vômitos e dores de cabeça repetidos e sem qualquer explicação clínica, assim como apresentação de outras enfermidades psicossomáticas.

Entre os sinais físicos do abuso sexual estão os sintomas sexuais. Crianças que sofreram abuso sexual podem apresentar comportamentos sexuais repetitivos e persistentes. (SANDERSON, 2005). As crianças podem manifestar comportamentos sexuais com outras crianças, em brincadeiras, ou até com adultos.

A criança acredita que o único meio de se relacionar com outros adultos é tocá-los nas áreas sexuais ou se comportar de modo sexualmente sedutor. Essas crianças vão tocar os adultos de forma inadequada e pedir para eles tocarem suas áreas sexuais. A criança pode se esfregar no adulto, simulando uma relação sexual ou masturbação. Também pode beijar outros adultos – além do abusador – de um modo sexual. Esses comportamentos geralmente representam o que a criança aprendeu a fazer com o abusador sexual. (SANDERSON, 2005, p. 226).

Sanderson (2005) explica que esses comportamentos acontecem porque a criança acredita que é o que os adultos querem e gostam, assim como o abusador, pois, foi o que aprendeu com ele. Outro índice de sintoma sexual são comportamentos sexuais atípicos da faixa etária do desenvolvimento da criança, ou seja, comportamentos muito sexualizados, como masturbações compulsivas.

A autora acima citada ainda chama a atenção para os comportamentos sexuais em crianças mais velhas e adolescentes, que entendem que é por meio deles que ganham atenção e podem, portanto, oferecer-se sexualmente para satisfazer suas necessidades. Nesses casos, é possível que aconteçam ocorrências como a gravidez ou até a prostituição. (SANDERSON, 2005).

De modo geral, é possível verificar que os indícios de que a criança apresenta estar sofrendo abuso sexual são muitos, cabendo assim aos adultos, pais e educadores terem um olhar vigilante para os mesmos. No mais, é preciso ressaltar novamente que o diagnóstico não deve ser feito se uma criança apresentar apenas um ou dois desses sintomas, mas sim, contextualizá-los e assim, observar atentamente a criança.

Ademais, é preciso que se compreenda o grande impacto que o abuso sexual provoca no desenvolvimento das crianças. Além das dores físicas que a criança abusada sofrerá, as consequências emocionais são grandes. O papel de proteção das crianças é dos adultos e no abuso sexual, a criança passa por uma série de violações.

2.3 ABUSO SEXUAL: PROCESSO EDUCACIONAL E O PAPEL DO EDUCADOR

A escola é um espaço de desenvolvimento humano. Muitas vezes, ela é considerada o segundo lar das crianças, pois, as mesmas passam uma significativa parte do dia no âmbito escolar. A escola possui uma função social com a formação do indivíduo e da sociedade e é por isso que, a mesma precisa preocupar-se com a formação integral do ser humano.

É na escola que muitas vezes a criança expressa o que está sentindo e vivenciando em seu cotidiano e por isso, a instituição precisa garantir que a mesma tenha seus direitos assegurados. Cabe assim, aos educadores um olhar prudente às expressões dos educandos, já que, o processo educacional dos mesmos pode sofrer interferências por situações negativas da vivência da criança.

Assim, o abuso sexual sofrido por alguma criança, pode ser manifestado no âmbito escolar pela mesma e a escola deve estar atenta para esse tipo de situação. Nesses casos, necessita prover garantias de que os direitos dos educandos não sejam violados, buscando ainda que o processo de desenvolvimento e aprendizagens destes seja o menos possível agredido.

Sendo assim, caso a escola detecte algum episódio de abuso sexual, é obrigação de a mesma realizar a denúncia da ocorrência, comunicando os órgãos especializados na prevenção e repressão, bem como para que a criança receba atendimento especial. A escola, os educadores e demais funcionários da instituição devem jamais omitir o caso.

O papel do educador no processo de abuso sexual é de modo semelhante ao papel da instituição de ensino, bem como dos pais: atuar na prevenção e, caso o abuso sexual já tenha acontecido, atuar na denúncia da ocorrência. Ademais, fora do âmbito familiar, muitas vezes, o educador é um dos adultos de maior confiança para a criança.

Muitas vezes, os professores ou educadores podem perceber que alguma coisa está acontecendo com a criança antes mesmo dos próprios pais, pois, notam que o seu comportamento está diferente. Constantemente, é assim que educadores, após observações e diálogos descobrem casos de abuso sexual. Além disso, essa percepção acontece eventualmente quando o abuso sexual aconteceu no âmbito familiar.

É fundamental ainda que todos os educadores reconheçam a sua responsabilidade na atuação da prevenção do abuso sexual. É papel do educador trabalhar a sexualidade na escola e fazer com que seus alunos reconheçam a sua própria sexualidade, pois a mesma atua como medida de conhecimento do corpo e de prevenção ao abuso sexual.

Em síntese, muitas vezes educadores e professores se tornam base de confiança e segurança para crianças. Um educador pode se tornar inspiração e fonte de atenção aos seus alunos. Nesse sentido, quando um educador atua na denúncia do abuso sexual, ele acaba por salvar uma criança de seu sofrimento interior, possibilitando à mesma uma oportunidade mais digna de viver, garantindo que sua violação de direito acabe e que sua integridade física, emocional e social possa se efetuar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível que o abuso sexual é uma violência de gênero e de poder, pois a criança sexualmente abusada possui a sua sexualidade corrompida, como também tem o seu desenvolvimento prejudicado. Além disso, fica claro que o abuso sexual é uma violação dos direitos da criança.

Compete ressaltar ainda que o abuso sexual é global e democrático. Ele existe em todos os países e em todas as classes sociais, deste modo, nenhuma família está totalmente segura de que seus filhos estejam a salvo do abuso. Além disso, é fundamental que a sociedade compreenda que meninos também sofrem abuso sexual, desmistificando o tabu existente de que estes não são vítimas deste ato.

Ademais, é preciso que pais e educadores compreendam que abusadores sexuais de crianças não possuem um único perfil que os identifique. Abusadores sexuais são aparentemente pessoas normais e muitas vezes conhecidas da própria criança. Também é possível observar que abusadores sexuais de crianças não são apenas do sexo masculino. Mulheres também abusam sexualmente de crianças.

É perceptível portanto, que as crianças demonstram através do seu cotidiano quando está sofrendo abuso sexual, seja por indicadores físicos ou comportamentais. Desse modo, cabe aos pais, educadores e demais adultos, um olhar sensível e individualizado para as crianças de seu convívio, principalmente para as facetas comportamentais das mesmas.

Incumbe ainda observar que as consequências do abuso sexual para o desenvolvimento das crianças são amplas. Este é sempre prejudicial e os efeitos podem ser a curto e em longo

prazo, ou seja, o abuso pode vir a interferir a vida da criança na infância e na fase adulta. O abuso sexual causa inúmeros danos físicos, emocionais, sociais e cognitivos no indivíduo.

Além disso, pode-se afirmar que o educador tem um importante papel no processo. Muitas vezes, ele é o primeiro a perceber que algo está acontecendo com a criança, pois, passa significativa parte do dia com a mesma. O educador também é para o educando, alguém de referência e eventualmente, pessoa de confiança.

É essencial ainda, reconhecer que o abuso sexual existe e que a criança não quer isso. A culpa nunca é da vítima e muitas vezes o abusador faz com que ela acredite que de fato é. Durante todo o processo que envolve o abuso, a criança passa por uma série de violações, por isso é essencial quebrar o pacto de silêncio existente no abuso sexual e ajudar a criança que precisa.

Sendo assim, é extremamente necessário que a humanidade se sensibilize sobre o abuso sexual, pois a sociedade é agente de proteção, os adultos precisam proteger as crianças. Assim, a maneira mais eficaz de protegê-las é conhecer, compreender e falar sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

BALBINOTTI, Cláudia. A violência sexual infantil intrafamiliar: a revitimização da criança e do adolescente vítimas de abuso. **Direito & Justiça**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 5-21, jan./jun. 2009. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fadir/article/view/8207/5894>>. Acesso em: 13 de maio de 2016.

FALEIROS, Eva T. Silveira. **Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e de adolescentes**. Brasília, fevereiro de 2000. Disponível em:

<http://esc.ca.luizaugustopassos.com.br/wp-content/uploads/2011/02/livro_repensando_os_conceitos_eva_publicacoes-httpwww.mpes.gov.branexoscentros_apoioarquivos1.pdf1.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S. A., 1988.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia**. Tradução de Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 24ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

SANDERSON, Christiane. **Abuso Sexual em Crianças**. Tradução de Frank de Oliveira. São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda, 2008.

SAYÃO, Yara. **Refazendo laços de proteção: ações de prevenção ao abuso e à exploração sexual comercial de crianças e adolescentes**: manual de orientação para educadores. São Paulo: CENPEC : CHILDHOOD – Instituto WCF-Brasil, 2006. Disponível em <<http://docslide.com.br/documents/refazendo-lacos-de-protecao.html>> Acesso em 20 de setembro de 2016.

SILVA, Iole Ribeiro da. **A rede de proteção de crianças e adolescentes envolvidos em situações de violência na perspectiva dos direitos humanos**. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Brasília: CFP, 2009, p. 17-25. Disponível em <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/10/CREPOP_Servico_Exploracao_Sexual.pdf> Acesso em: 20 de setembro de 2016.

TERENZI, Paola; Fabbri, Barbara. **Como prevenir o abuso sexual e os seus efeitos**: guia para os pais. Tradução de José Joaquim Sobral. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.